

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FERNANDA DA SILVA ARAÚJO

CARTAS DESDE EL INFIERNO:
A RAZÃO E A MORAL NA ESCRITA DE RAMÓN SAMPEDRO

Jaguarão

2017

FERNANDA DA SILVA ARAÚJO

CARTAS DESDE EL INFIERNO:
A RAZÃO E A MORAL NA ESCRITA DE RAMÓN SAMPEDRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon

Jaguarão

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

A663c	Araújo, Fernanda da Silva Cartas desde el infierno / Fernanda da Silva Araújo. 43 p. Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑOL E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2016. "Orientação: Carlos Garcia Rizzon". 1. Literatura. 2. Filosofia. 3. Razão. 4. Moral. 5. Morte. I. Título.
-------	---

FERNANDA DA SILVA ARAÚJO

**CARTAS DESDE EL INFIERNO:
A RAZÃO E A MORAL NA ESCRITA DE RAMÓN SAMPEDRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 30 de janeiro de 2017.

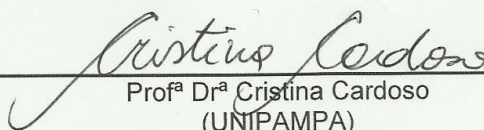
Banca examinadora:



Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
Orientador
(UNIPAMPA)



Prof.ª Dr.ª Ana Lúcia Montano Boessio
(UNIPAMPA)



Prof.ª Dr.ª Cristina Cardoso
(UNIPAMPA)

Dedico este trabalho a meus pais, pelo carinho e pelo muito que contribuíram para a formação do meu caráter.

A meus filhos, por estarem sempre ao meu lado e pela paciência, dedicação e amor incondicional.

A todos que acreditaram em mim, mesmo quando as circunstâncias não pareciam favoráveis.

AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus, por me auxiliar nesta caminhada.

Aos meus filhos, por entenderem meus momentos de ausência neste processo tão trabalhoso de formação universitária.

Ao Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon, por aceitar caminhar junto a mim nesta jornada de conclusão de curso, por um viés que não é o seu habitual, e ter enobrecido este trabalho com seus nortes.

Aos professores que despertaram em mim um novo olhar acerca da vida.

Às professoras Maura Jorge e Eny Ribas, por abrirem espaço em suas jornadas docentes para que eu pudesse, de certa forma, iniciar a minha.

A Fabiano Rodrigo Zdradek, pelo apoio e por ter fornecido ferramentas de estudo todas as vezes que foram necessárias.

Todo homem se apoia em sua capacidade e não pode se apoiar nela para julgar livremente as coisas. Além disso, se não tivesse uma boa parte de imperfeições, sua virtude o impediria de chegar à liberdade intelectual e moral. Nossos defeitos são os olhos pelos quais vemos o ideal.

Friedrich Nietzsche, *Miscelânea de Opiniões e Sentenças*

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a obra de Ramón Sampedro, *Cartas desde el infierno*, sob uma perspectiva filosófica. Carrega em si discussões que permeiam a escrita do autor, buscando valorizar suas opiniões, as quais ele diz serem plenas de razão. Desse modo, visa sempre um argumento racional para demonstrar seus pontos de vista. Neste estudo, objetiva-se analisar a obra a partir de assuntos como amor, religião, liberdade e morte. Este último bastante presente em seu texto, travando assim um diálogo entre vida, morte natural, eutanásia e suicídio assistido. Com a percepção de que a escrita de Ramón Sampedro está imbricada a pensamentos filosóficos de autores basilares, pensou-se, partindo da literatura, explorar os temas propostos baseando-se nas teorias filosóficas modernas que tratam a respeito do ser individual e do ser coletivo. As reflexões sobre amor, religião, liberdade e morte serão enfocadas a partir da razão e da moral, detendo-se em pilares referencias da filosofia que trabalham com estes temas. Os pensamentos de escritores da filosofia moderna, como Friedrich Wilhelm Nietzsche, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Immanuel Kant, dentre outros pensadores, contribuem para o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-Chave: Ramón Sampedro, *Cartas desde el infierno*, Razão, Moral.

RESUMEN

Este trabajo presenta una reflexión sobre la obra de Ramón Sampedro, *Cartas desde el infierno*, bajo una perspectiva filosófica. Carga en sí discusiones que permean la escrita del autor, buscando valorar sus opiniones, las cuales, dice él, son hartas de razón. De ese modo, visa siempre un argumento racional para demostrar sus puntos de vista. En este estudio, se objetiva analizar la obra a partir de asuntos como amor, religión, libertad y muerte. Este último bastante presente en su texto, trabando así un diálogo entre vida, muerte natural, eutanasia y suicidio asistido. Con la percepción de que la escrita de Ramón Sampedro está imbricada a pensamientos filosóficos de autores basilares, se pensó, partiendo de la literatura, explorar los temas propuestos basándose en las teorías filosóficas modernas que tratan a respecto del ser individual y del ser colectivo. Las reflexiones sobre amor, religión, libertad y muerte serán enfocadas a partir la razón y de la moral, deteniéndose en pilares referenciales de la filosofía que trabajan con estos temas. Los pensamientos de escritores de la filosofía moderna, como Friedrich Wilhelm Nietzsche, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Immanuel Kant, entre otros pensadores, contribuyen para el desenvolvimiento de este trabajo.

Palabras Clave: Ramón Sampedro, *Cartas desde el infierno*, Razón, Moral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 QUESTÕES DA OBRA	13
2 QUESTÕES DA RAZÃO	22
2.1 RAZÃO E AMOR	23
2.2 RAZÃO E RELIGIÃO	25
2.3 RAZÃO, LIBERDADE E MORTE	28
3 QUESTÕES DA MORAL	31
3.1 MORAL E AMOR	32
3.2 MORAL E RELIGIÃO	34
3.3 MORAL, LIBERDADE E MORTE	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERENCIAS	42
OBRAS CONSULTADAS	43

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Considero que un tetrapléjico es un muerto crónico que tiene su resistencia en el infierno. Allí - con el fin de evitar la locura - hay quien se entretiene pintando, rezando, leyendo, respirando o haciendo algo por los demás. ¡Hay gustos para todo! Yo me he dedicado a escribir cartas. Cartas desde el infierno.

Ramón Sampedro, Cartas desde el infierno

Este trabalho apresenta reflexões a respeito da obra de Ramón Sampedro, analisando o livro *Cartas desde el infierno* a partir dos conceitos da razão e da moral, tratando de assuntos como amor, religião, liberdade e morte (vida, morte natural, eutanásia e suicídio assistido).

As considerações sobre a razão e a moral delimitam-se ao que se encontra presente na escrita do autor, embasando-as em pilares da filosofia moderna como Friedrich Wilhelm Nietzsche, Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Immanuel Kant, dentre outros pensadores.

Constatando presentes na escrita de Ramón Sampedro pensamentos filosóficos de autores basilares, propõe-se então trabalhar a literatura no seu diálogo com teorias filosóficas, uma vez que a literatura e a filosofia se aproximam sob a ótica de ambas desenvolverem no ser a possibilidade de um outro olhar sobre o mundo, levando as pessoas a questionarem o senso comum e descobrirem novos significados para a existência e as relações humanas.

O desenvolvimento deste trabalho deu-se através de uma investigação a respeito de filósofos que tenham conceituado a moral e a razão. Após essa pesquisa, partiu-se à leitura das obras encontradas, selecionando aqueles textos que melhor se aproximavam à análise e que se relacionavam ao propósito do enfoque de interpretação de *Cartas desde el infierno*. Depois, no processo de escritura do presente trabalho, a leitura da obra de Ramón Sampedro e dos referenciais teóricos voltaram, continuamente, a ser consultados.

Vale ressaltar aqui que se escolheu trabalhar, na maior parte das vezes, com o gênero epistolar, porque nas cartas estão o testemunho dos pensamentos do autor e são nelas que se encontram os temas que envolvem a razão e a moral do ser com destaque mais evidente. Segundo Roman Jakobson a ambiguidade é o caráter

intrínseco que é centro de toda mensagem, pode ser uma palavra, um traço poético, etc.. Não trata-se apenas da mensagem, também incluem-se o destinador e o destinatário se tornarem ambíguos, juntamente com o autor e o leitor, que se enxergam no “eu” do protagonista lírico e no narrador fictício e o ‘tu’ do suposto destinatário. Tais características que tornam o texto literário. A obra mostra que essas correspondências, na maioria respostas a cartas que recebia, estão destinadas a diferentes pessoas com quem mantinha contato, denominadas apenas pelo primeiro nome, como María, Belén, Gené, Joni, Vilma, sem especificar quem seriam elas realmente, e também a jornalista Laura. Outras cartas são petições que encaminhou à justiça, juízes e autoridades do governo, bem como ao Papa João Paulo II.

Este estudo está organizado em três capítulos. No primeiro, são abordados o processo de escrita da obra *Cartas desde el infierno* e o pensamento do autor, o qual procura salientar a razão na argumentação do seu desejo de morte, discutindo, com isso, a moral preconizada pela sociedade. Nesse primeiro capítulo, são delineadas questões que serão aprofundadas nos capítulos seguintes. No segundo capítulo, é analisado o conceito da razão a partir do amor, da religião, da liberdade e da morte, temas com os quais Ramón Sampedro, questiona a vida de uma forma objetiva e não idealizada. O terceiro capítulo retoma os mesmos temas sob a ótica da moral, uma vez que ela perpassa diferentes instâncias sociais, inclusive as jurídicas, que negam o direito de morte através da eutanásia.

No livro *Cartas desde el infierno*, foram publicados poemas, epístolas, contos, crônicas e depoimentos da vida e do pensar de *Ramón Sampedro*, autor que nasceu no dia 5 de janeiro do ano de 1943, em Xuño, uma pequena aldeia de província no litoral da Galícia, Espanha. Aos 22 anos, embarcou em um navio mercante norueguês, onde trabalhou como mecânico. Nesse navio, recorreu quarenta e nove países. Essa experiência formou parte de suas melhores lembranças.

No dia 23 de agosto de 1968, ao tentar saltar de um penhasco, não percebeu que a maré havia baixado e acabou por bater a cabeça no solo de areia, no fundo da água, fraturando a sétima vértebra cervical, o que o tornou tetraplégico.

Por meados dos anos 90, entrou na justiça para requerer o direito à eutanásia. Durante muitos anos, lutou nos tribunais desejando sua liberdade através da morte concebida legalmente, mas não obteve êxito. Sua petição jurídica chegou

até o Tribunal de Direitos Humanos de Estrasburgo, última instância que poderia recorrer, mas não prosperou.

Em 1996, publicou o livro *Cartas desde el infierno*, incentivado pela escritora Laura Palmés, que reuniu suas poesias e cartas e deu forma ao livro que está dividido em três capítulos, sem títulos.

1 QUESTÕES DA OBRA

Cartas desde el infierno é uma obra que trabalha com a criação literária a partir de dados autobiográficos, narrando os pensamentos do escritor Ramón Sampedro, dentro de uma estética de autoficção, conceito definido por Serge Doubrovsky como um discurso híbrido que se apropria da categoria autobiográfico para construir um caminho trilhado pela ficção. Os textos buscam valorizar as opiniões do autor, nas quais ele diz estarem permeadas pela razão, visando sempre um argumento racional para demonstrar seus pontos de vista.

Entende-se que seus pensamentos são influenciados por um acontecimento que seria determinante para seu modo de viver. Ramón Sampedro era mecânico marinho e estava sempre a se aventurar, sempre presando a liberdade como significado de vida. Quando se acidentou, passou a sentir-se morto, pois não se tratava apenas do fato de não poder se movimentar e sim de viver preso ao mesmo lugar.

Ramón Sampedro viveu 29 anos e quatro meses em cima de uma cama por causa da tetraplegia. O que podia fazer era muito limitado, então dedicou-se ao rotineiro hábito da leitura diária, como comenta neste trecho de uma das cartas direcionadas a uma amiga:

Ya sé que lo que quieres preguntarme es cómo teniendo catorce o quince horas de tiempo por delante, para ocuparlo, o para no hacer nada, consigo no aburrirme. Eso era lo que quería decirte: no me distraigo pensando siempre en lo mismo. Tengo que imponerme una disciplina mental. No me levanto, como haces tú. Me despierto a las ocho y media de la mañana. Escucho noticias o música hasta las nueve y media o diez. Desayuno, y luego tengo unas horas determinadas para leer, escribir lo que se me ocurra. Mientras me van cambiando de postura cada tres horas [...] (SAMPEDRO, 1996, p. 32).

Juntamente com o hábito da leitura, Ramón Sampedro se dedicava a escrever um pouco a cada dia, apesar do grande esforço que isso exigia. Em carta destinada a Belén, ele descreve como ele fazia para escrever, conforme está exposto no fragmento abaixo:

Te equivocas en una cosa cuando dices: “No te he escrito, porque tengo la sensación de que te molesta lo que haga.” No, no me molesta, todo lo contrario. Me encanta, pero debes entender que yo escribo con un bolígrafo entre los dientes. Y eso me cansa mucho. Cuando empiezo a responder

una carta me extendiendo un poco, pero eso no quiere decir que me sea fácil (SAMPEDRO, 1996, p. 26).

O autor costumava ler livros, geralmente filosóficos, talvez por isto um dos motivos de se encontrar em seus textos argumentos impregnados de razão. Tratava-se de um homem que costumava racionalizar a respeito da vida, e uma de suas influências de pensamento foram livros da filosofia, isto pode ser entendido a partir de dizeres de sua própria obra:

Pero, ¿cómo me entiendo?

1º Todo ser humano debe ser considerado como un fin en sí mismo (Kant).

2º Lo sagrado no es la vida de ese ser humano, sino que lo sagrado es el derecho del ser humano a vivir o morir de acuerdo con sus principios, o conceptos éticos y morales de la dignidad y la libertad.

3º Obra de tal manera que la máxima de tu voluntad pueda valer siempre y al mismo tiempo como principio de una legislación universal (Kant).

4º Prefiero padecer la injusticia antes que cometerla (Sócrates) (SAMPEDRO, 1996, p. 54).

Assim como sampedro encontrava em autores como Kant e Sócrates referências para seu pensar entendemos que o seu conceito de razão pode ser discutido a partir de Hegel, pois este filosofo diz que o ser é uma realidade em processo e que as coisas são conceituadas em seu contrário, como, por exemplo, o conceito de corpo só pode ser examinado segundo o conceito de mente e vice-versa, a verdade é construída no tempo de cada ser, por isso a razão é histórica. A razão de Sampedro seria então fazer com que as pessoas, ao lerem seus textos, compreendessem seus pensamentos a respeito de sua história, suas verdades particulares e suas verdades universais, e então respeitassem suas concepções sobre o que seria para ele uma vida digna e uma morte digna. A dignidade estaria no prazer em querer estar vivo, portanto, seria uma opção pessoal querer estar vivo e não um direito determinado pelo Estado, viver seria um direito e não uma obrigação. Na declaração gravada em vídeo que deixou pouco antes de morrer Ramón Sampedro, diz o seguinte:

Señores jueces, autoridades políticas y religiosas:

Después de las imágenes que acaban de ver, a una persona cuidando de un cuerpo atrofiado y deformado - el mío - yo les pregunto: ¿Qué significa para ustedes la dignidad? Sea cual sea la respuesta de vuestras consciencias, para mí la dignidad no es esto. ¡Esto no es vivir dignamente! Yo igual que algunos jueces y la mayoría de las personas que aman la vida y la libertad, pienso que vivir es un derecho no una obligación (SAMPEDRO in EL PAÍS, 1998).

Durante muitos anos a eutanásia foi um dos desejos de Sampedro, e o autor evidencia isto em sua produção, pois critica a moral das sociedades que justificam a morte através apenas do interesse coletivo, como, por exemplo, seres que em nome da autoridade do Estado aceitam a morte de outras pessoas e estas mesmas autoridades negam sua vontade de morte em nome da mesma autoridade de leis éticas e morais que a legalizam quando algo ou alguém ameaça o poder do Estado. Essa sua posição está declarada na crônica “Eutanasia colectiva y eutanasia personal”:

Si por defender el bien o el interés colectivo, se justifica la muerte, del mismo modo se puede justificar la muerte personal. La persona también puede decidir sacrificar su vida para defender su patria personal de la humillación y la esclavitud del dolor. Las razones filosóficas – éticas – para sacrificar la propia vida en defensa del interés personal me parecen igual de nobles – si no más – que las esgrimidas para defender la patria colectiva. Con la muerte personal no se atenta contra la vida humana como concepto sino contra unas dudosas creencias sobre la propiedad de ésta, y el cómo y cuándo la vida puede terminarse, o en qué circunstancias la dignidad tiene más valor que la vida.

Si la vida tiene valor para una persona, es absurdo que otros quieran dárselo porque lo diga la ley y los fundamentos de derecho. Esos fundamentos siempre serán reflexiones filosóficas o ideológicas con todos los prejuicios que cada casta arrastra consigo como tabúes culturales (SAMPEDRO, 1996, p. 96).

Os textos abordam de uma maneira aberta sua luta pela liberdade de obter sua própria morte. Sua postura ao longo do livro foi sempre racional e argumentada, entendendo que a consciência racional deveria estar acima da lei, uma vez que a justiça deveria ser justa em si mesma, e a consciência racional de Sampedro afirmava que ele teria direito a uma morte digna. Conforme manifestava, sua decisão era particular e afetaria somente a ele. Em carta a María, Sampedro diz:

Como ejemplo, puestos a discusión en el caso de la eutanasia, la voluntad moral y ética de la persona deben prevalecer sobre las teorías y las leyes. Cualquier ser medianamente racional entiende que no se defiende a la persona y su dignidad sino el reparto de poder entre los grupos diferentes. No se juega en función de la racionalidad sino en función de los conocimientos científicos que cada persona posea. Y también de los prejuicios que tengan en relación a la forma de morir (SAMPEDRO, 1996, p. 33).

Seu texto está carregado de argumentos do que para ele seria a morte, uma espécie de libertação. Ela não é pensada de uma forma mórbida, mas de um jeito sereno, revendo valores a respeito de como a encaramos.

A morte, mesmo que natural, em muitas sociedades é tratada como um tabu. As pessoas em geral não costumam pensar na morte porque lhes causa medo ao encarar a finitude. A morte é um enigma que assusta a raça humana desde sempre. Mas, se pararmos para analisar, ao filosofar sobre a morte, o ser humano também reflete a respeito da vida que deve viver. Quanto a isto, escrevendo a Joni, Ramón Sampedro diz:

El temor sublimado como entretenimiento cultural, mágico, mitológico, trágico, se ha psicopatizado y convertido en un terror irracional fácilmente manipulable por cualquier tipo de poder.

¿Por qué sentir temor a cambiar de la conciencia a la inconsciencia, cuando este paso no es más que un cambio de estado de la materia?

Aún no se ha dado sentido a la muerte. Aún no se la ha humanizado y racionalizado.

¿Por qué sentimos entonces ese temor?

Porque lo desconocemos.

El derecho a la vida como un bien abstracto y además irrenunciable es una incoherencia, Joni.

La vida sólo es vida racional mientras sea placentero y voluntario el hecho de vivirla. No hay acto más cruel que el de prohibirle a una persona el derecho a liberarse de sus sufrimientos, aunque ello lleve consigo ayudarlo a morir.

¿Qué clase de libertad es aquella en la que la persona no puede actuar de acuerdo con sus ideas, mientras éstas no afecten a nadie más que a sí mismo?

Si el ser humano vive racionalmente, también debe morir racionalmente (SAMPEDRO, 1996, p. 69).

Se pararmos para refletir, o ser humano tem receio da morte porque não sabe o que é a morte em realidade. Ele pode imaginar e divagar a respeito do que é a morte, mas não conhece o que é a experiência do morrer, porque de fato não existe um ser humano que tenha morrido e retornado para contar. Por isso, trata-se de algo abstrato, e talvez o fato de não sabermos o que existe depois da morte seja o que assusta a raça humana e não o fato da morte em si. O homem em realidade não tem medo de morrer, mas sim de não existir nada depois dela.

As sociedades são em geral marcadas pela predominância da vida, o grande problema é quando a vida se torna insuportável pela dor e pelo sofrimento. Ramón Sampedro considera seu viver insuportável e é partindo disto que reclama a eutanásia, um assunto que certamente sempre gera muitos conflitos e reflexões éticas nas sociedades onde a vida é o que prevalece. Ramón Sampedro argumenta o seguinte a respeito do seu desejo de se submeter à eutanásia:

La alternativa de la eutanasia, como un acto de voluntad personal, es la conducta positiva. Superar el temor y rechazar el dolor es volverse humano.

Con respecto al sufrimiento incurable, toda alternativa que no tenga como propósito ponerle fin es un sofisma. La muerte como concepto universal negativo en relación a la vida no existe. Tal deducción lógica es errónea. Es una distorsión racional derivada del sentido del temor (SAMPEYRO, 1996, p. 141).

A eutanásia é um tema complexo e tem gerado profundas reflexões sobre questões éticas. Ela se refere à conduta intencional dirigida a dar fim à vida de uma pessoa que tem uma doença grave e incurável, o que torna insuportável o seu viver. Ramón Sampetro trouxe à luz este debate em seus textos, questionou as leis e a moral das sociedades, afirmando que buscava sua dignidade. Acreditava que a eutanásia deveria ser aplicada levando em consideração o bem estar do ser e não os prejuízos culturais que cerca toda moral cultural das sociedades em geral. Em um conto em que se dirige a justiça, ele afirma que:

[...] el derecho y sus fundamentos no son más que principios éticos emanados de la razón humanizada. En consecuencia, a la hora de acudir a los fundamentos de derecho para determinar si un acto o un propósito están bien o mal – hacer justicia –, debería tener más peso en su balanza la razón que la ley. La ley puede estar astuta y ambiguamente concebida con un propósito de dominio, la razón pura no. Ésta evoluciona normalmente con el conocimiento.

¡La ley no podrá prever todos los casos injustos, la razón sí!

Cuando la ley tenga dudas, porque las costumbres hayan evolucionado con el paso del tiempo – como sucede hoy con la eutanasia, propuesta como un acto de la voluntad personal para liberarse de sufrimientos irracionales –, debe prevalecer el peso de la razón ética personal (SAMPEYRO, 1996, p. 148).

As considerações de Sampetro trazem críticas a respeito dos preconceitos sociais e afirmam que é por causa da moral que a sociedade impõe que lhe é negado o pedido de eutanásia, moral que visa fundamentalmente a conservação da vida, uma moral que, na sua visão, seria decadente, baseada em valores tradicionais que acomodaram o ser humano na mediocridade de querer tornar todo ser igual, mesmo que a raça humana possua demandas diferentes. Com isso, ocorre a criação de valores que impedem o ser de expandir seus pensamentos, doutrinando-o sempre a ter um pensamento escravo e impedindo, assim, a autorrealização do ser.

A moral não tem a ver com leis, mas se fundamenta na opinião pública, nos costumes, etc.. Contudo, a moral influencia fortemente as leis, uma vez que a moral, juntamente com as leis, é o que vai determinar a atitude do homem em relação à

sociedade. A moral então é o que qualifica nas sociedades o representativo do bom e do mau nos seres humanos. Quanto à moral, o pesquisador *Ciro Mioranza* diz:

Em outras palavras, a moral como classificação de tudo aquilo que representa o bom e de tudo aquilo que representa o mau não parece significar um poder que pretende se impor em detrimento dos mais fracos, dos espíritos inábeis, daqueles que necessitam ser guiados ao percorrer o caminho da vida, ao trilhar as sendas da vida que possam conduzir a um bem-estar, a uma alegria sofrível ou a uma felicidade plena.

Para conseguir inculcar no homem todos esses princípios fabricados a partir de uma vontade de poder de alguns, surge a moral que distingue não valores de valores ou a inexistência de valores diante daquilo que deve ser realmente considerado e tido como valor (*MIORANZA in NIETZSCHE, 2013, p. 7-8*).

A moral foi constituída juntamente com o surgimento das sociedades, por isso cada sociedade possui seus códigos morais. Contudo, com a expansão do cristianismo no globo, na época das grandes navegações e com diversos povos colonizados por sociedades cristãs, a moral ao redor do planeta foi uniformizada e as sociedades passaram a manter estes códigos de conduta. Porém, vale ressaltar que as normas variam à medida que ocorrem mudanças nas sociedades, portanto as normas morais são constituídas nas conveniências humanas e, logo que essas conveniências deixem de valer, as normas se modificam. Quanto a estas normas constituídas pela sociedade em benefício de alguns membros da sociedade, *Ramón Sampedro*, em carta ao ministro da justiça, comenta:

Te aconsejo que lo pienses bien antes de condenarte a ser un sufridor porque la ética y la moral de ciertos grupos ideológicos así te lo exijan. Ante todo sé honesto contigo mismo. Piensa que te puedes hallar en la circunstancia de sentirte un muerto consciente de que piensa y siente como un vivo. ¿Deseas eso para ti? Imagínate a ti mismo y a alguien dándote la vuelta para cambiarte de postura cada tres horas aproximadamente hasta el fin de tus días. Tu cuerpo será limpiado, lavado, hurgado y estimulado para que no se pudra. La ética del profesional correspondiente saldrá victoriosa, pero tú jamás podrás hacerlo por ti mismo.

¿Qué pensarás entonces de la apología de su ética? Deja tu absolutismo absurdo y piénsatelo. Tal vez tú te acostumbres a que tus pudores no te hagan sentir vergüenza y humillación cada vez que te sientas expuesto a la manipulación de los demás, pero a lo mejor no te acostumbras nunca.

Te aconsejo que pongas en tela de juicio toda ética y moral que asegure el valor de la vida como absoluto y que está por encima del interés personal. Eso es una aberración jurídica para justificar la tiranía o la esclavitud. ¿No crees acaso que una persona sensata es capaz de valorar su propia vida y qué sentido tiene ésta?

Porque si no lo crees así, lo consideras un irracional.

¿Necesita acaso algún ser viviente a un juez, jefe de Estado, médico o ministro para sobrevivir?

La organización social es necesaria y hasta justa, a veces, pero sustraerle a la persona la propiedad de su vida y de su muerte es valorarlo menos que a

un animal. Si su voluntad ya no existe, si es propiedad del Estado, de la religión o de la ley, ¿cuál es su sentido o razón de ser? Lo absurdo es que alguien diga por ejemplo que se le acabó el deseo y la voluntad de vivir y tú argumentes que eso es el fracaso de la sociedad.

Cuando la voluntad y el deseo de una persona es dejar de ser tetrapléjico, canceroso incurable, esquizofrénico, carne de manicomio, demente senil, moribundo, etc... ¿Sigue siendo una persona o ya es un objeto que sólo sirve para satisfacer los deseos o voluntad de otros? (SAMPEDRO, 1996, p. 160).

Percebendo que a moral exerce influência sobre todos os aspectos da vida em sociedade, Ramón Sampedro procura mostrar sua concepção a respeito da morte e também da vida e, com isso, sensibilizar aqueles que desejam saber o porquê da sua decisão a respeito da morte assistida, não se detendo a preconceitos morais, e tentar, assim, sensibilizar as autoridades de seu pedido de eutanásia.

Na poesia “Los ensueños”, talvez seja esta sua mais conhecida poesia, o autor comenta o seu desejo de morte e sua vontade de ter morrido no dia do acidente para que não tivesse que ser submetido à dor e ao sofrimento com os quais viveu durante tantos anos. Um trecho desta poesia também dá nome ao filme *Mar adentro*, que teve sua estreia em 3 de setembro de 2004, na Espanha. A produção foi dirigida por Alejandro Amenábar, e o filme é baseado na vida de Ramón Sampedro, interpretado pelo ator Javier Bardem. A poesia diz o seguinte:

LOS ENSUEÑOS

Mar adentro, mar adentro,
Y la ingravidez del fondo,
Donde se cumplen los sueños,
Se juntan dos voluntades
Para cumplir un deseo.

Un beso enciende la vida
Con un relámpago y un trueno,
Y en una metamorfosis
Mi cuerpo no era ya mi cuerpo;
Era como penetrar al centro del universo:

El abrazo más pueril,
Y el más puro de los besos,
Hasta vernos reducidos
En un único deseo:

Su mirada y mi mirada
Como un eco repitiendo, sin palabras:
Más adentro, más adentro,
Hasta el más allá del todo
Por la sangre y por los huesos.

Pero me despierto siempre

y siempre quiero estar muerto
 Para seguir con mi boca
 Enredada en sus cabellos (SAMPEDRO, 1996, p. 25).

O que fica claro neste poema é que, sendo Ramón Sampedro um homem do mar, que viveu no mar, ele gostaria de ter morrido também no mar. Isso nos remete à Filosofia do Devir, de Hegel, o processo do ser de vir a ser como artifício da sua realidade, como movimento em seu princípio de contradição. A ideia se desenvolve no oposto a si: viveu no mar e gostaria de ter morrido no mar. Não ocorrendo isto, seu viver entrou em desequilíbrio, e o que ele buscava era o equilíbrio de seu espírito através da morte, conforme escreve em carta a Joni:

El pensamiento sin cuerpo es el desequilibrio absoluto, es la negación de la voluntad. Las leyes de la vida no admiten el caos. La naturaleza no admite la separación entre lo físico y lo psíquico.
 Por ley natural, yo debería haber muerto hace veinticinco años, cuando perdí el movimiento del cuerpo. Sin embargo la razón de la medicina, interpretando sus propios miedos y supersticiones, se empeña en llamar vida a una forma de supervivencia artificial e involuntaria. El derecho, entonces, no protege la vida sino la ética médica y las voluntades de todos aquellos interesados en que esa ley y esa norma represora se mantengan en vigor (SAMPEDRO, 1996, p. 69).

Ramón Sampedro tentou durante muitos anos conseguir o direito de se eutanasiar, porém não obteve sucesso e, em 12 de janeiro de 1998, cometeu o suicídio assistido. A eutanásia é dirigida a terminar com a vida de uma pessoa que tem uma enfermidade grave e irreversível, o que Ramón Sampedro possuía não se tratava de uma enfermidade, mas sim de um caso de deficiência grave. Portanto, não estava apto juridicamente a receber o direito à eutanásia. O que se aplicava no caso de Sampedro era o suicídio assistido, no qual o ser termina sua vida voluntariamente. Ramón Sampedro bebeu o cianureto de potássio posto em um copo com um canudo deixado à cabeceira de sua cama para que ele voluntariamente o bebesse. Na declaração gravada em vídeo que fez pouco antes de morrer, Ramón comenta:

Aquellos de vosotros que os preguntéis: ¿Por qué morirme ahora – y de este modo – si es igual de ilegal que hace veintinueve años? Entre otras razones, porque hace veintinueve años la libertad que hoy demanda no cabía en la ley. Hoy sí. Y es por tanto vuestra desidia la que me obliga a hacer lo que estoy haciendo.
 Como pueden ver, a mi lado tengo un vaso de agua conteniendo una dosis de cianuro de potasio. Cuando lo beba habré renunciando – voluntariamente – a la propiedad más legítima y privada que poseo; es decir, mi cuerpo. También me habré libertado de una humillante esclavitud – la tetraplejia –.

A este acto de libertad – con ayuda – la llaman ustedes cooperación en un suicidio – o suicidio asistido –.
Sin embargo yo lo considero ayuda necesaria – y humana – para ser dueño y soberano de lo único que el ser humano puede llamar realmente “Mío”, es decir, el cuerpo y lo que con él es – o está – la vida y su consciencia (SAMPEDRO in EL PAÍS, 1998).

Antes de dar término a sua vida, Ramón Sampedro deixou seu último pensamento à sociedade, declarando ser o único responsável por seu ato. Aqueles que o ajudaram a morrer não deveriam ser responsabilizados e nem punidos por esse fato. Também dirigiu-se às autoridades e questionou as consciências judiciárias por ter que morrer clandestinamente, embora tivesse buscado durante muitos anos o direito a uma morte digna e legítima perante as leis. Ao término de seu depoimento, Ramón Sampedro diz: “Señores Jueces, Autoridades Políticas y Religiosas: No es que mi consciencia se halle atrapada en la deformidad de mi cuerpo atrofiado e insensible, sino en la deformidad, atrofia e insensibilidad de vuestras consciencias” (SAMPEDRO, 1998).

Em seus últimos momentos, Ramón Sampedro se manteve firme em seu propósito sem hesitar, continuou com seus argumentos racionais para justificar seu discurso. Segundo ele, a razão era sua consciência e conforme pensamento de Hegel, a razão nasce no momento em que a consciência adquire a certeza de ser de toda a realidade.

Além do pensamento racional, percebe-se também a crítica que Ramón Sampedro faz à moral da sociedade, esta que sempre lhe negou o direito a uma morte digna, moral que influencia sobre todos os aspectos da vida, inclusive os jurídicos. Este é um tema que, mais adiante, será discutido.

2 QUESTÕES DA RAZÃO

Pero siempre hay en todo un fondo escrupulosamente racional, la razón de su conciencia, un afán por debatir y argumentar sin dejar cabos sueltos. Y para los que aun así piensan que su discurso es injustificable, Ramón exige en última instancia la no intromisión, harto de sufrir el prejuicio, la compasión, el paternalismo o directamente la descalificación.

Alejandro Amenábal, Prólogo de *Cartas desde el infierno*

Geralmente, nas sociedades, entendemos que razão tem a ver com a capacidade do espírito do homem de julgar (a lei moral), quer seja através de conceitos subjetivos particulares, quer seja através de valores das sociedades, ou ambos, e comparar, ponderar ideias universais (bom senso), estabelecer relações lógicas de raciocínio que têm correlação direta com o que chamamos inteligência.

Cientificamente e popularmente, é dito que a razão é o que distingue os homens de outros animais; que foi a característica que o homem possui de raciocinar que levou a raça humana ao grau de evolução, tanto biológico, sóciohistórico, ou tecnológico, no qual se encontra nos dias atuais.

Comumente, a noção de razão de cada sociedade pode ser distinguida pela relação entre distinções da mesma espécie, o que se estabelece nas sociedades como o direito que o homem estabeleceu para apropriar-se do seu lugar de classe social, religiosa e de leis, e a noção particular de cada indivíduo acerca da razão, a razão como o motivo pelo qual se justifica algo ou alguma coisa, ou seja, a verdade de cada ser.

Isto é o que, de uma forma geral, entendemos por razão. Mas voltemos nossos olhos para a obra *Cartas desde el infierno* e entenderemos por que abordar o que é razão para delimitar as ideias centrais que aqui estão sendo discutidas.

A obra é de uma escrita cheia de sensibilidade, porém percebemos que as ideias do escritor são demasiadas racionais, levando em consideração que se trata de uma pessoa que possui a deficiência da tetraplegia e possui, portanto, o tempo para, com a mente livre, pensar em seus atos. Ele não age seguindo instintos humanos, como por vezes fazemos. Trata-se de um ser racional porque tem a capacidade do conhecimento e não se deixa dominar pela ignorância do não raciocinar que, por ocasiões, domina a espécie humana.

Constatamos nos seus textos temas como amor, religiosidade, liberdade e morte, porém, estas questões trazidas pelo ponto de vista de Ramón Sampedro são permeadas pela razão. A razão é um dos objetivos de nosso estudo na obra. Segundo Hegel, a razão é a destacada união da consciência e da consciência em si, ou seja, do conceito de um objeto e do conceito de si. O que pensamos a respeito de algo e o que realmente aquele algo o qual conceituamos é.

E para tratarmos a respeito da razão e da escrita racional que permeia a obra de Ramón Sampedro, nos embasaremos em filósofos basilares, como Georg Wilhelm Friedrich Hegel, Friedrich Wilhelm Nietzsche, dentre outros.

2.1 RAZÃO E AMOR

Se a razão é apresentada como um sentimento da objetivação, uma vez que ela tem a ver com a faculdade do homem de julgar, comparar, estabelecer relações lógicas de raciocínio, podemos dizer que o amor é um sentimento que nasce na subjetividade e consiste em ter apego, interesse, afeição, desejo, cuidado.

O amar não incide em necessariamente ter devoção a um outro ser, mas pode se ter amor a algo ou a uma coisa. Por exemplo, amor a um ideal, a um objeto, a conquistar algo, e este último, pode-se dizer, é um dos elementos que mais move e moveu a raça humana.

Existe sim o amor romântico, do qual se diz ter sempre um bem querer, o zelo, o desejo ao ser a quem se ama, mas também existe o amor que racionaliza, que analisa o complexo, como o fato de seres distintos terem em comum o anseio de se tornarem um só, uma vez que algo, ao se tornar um só, anula o outro, e é por isso que o amor se torna tão complexo. Essa reflexão pode ser encontrada em Hegel:

De modo semelhante, as paixões dos homens se satisfazem; elas se desenvolvem e desenvolvem os seus objetivos segundo as suas tendências naturais, produzindo o edifício da sociedade humana. [...] Mas a ação sempre é individual, sou sempre eu quem age. É ao meu objetivo que desejo satisfazer. Este objetivo pode ser um bom objetivo, um objetivo universal – por outro lado, o interesse poderá ser particular, privado. Isto não significa que esteja necessariamente oposto ao bem universal. Ao contrário, o universal deve ser realizado através do particular (HEGEL, 2001, p. 75).

A temática do amor aparece na escrita de Ramón Sampedro, indiscutivelmente, de uma forma racional, uma vez que o autor coloca o amor de uma maneira reflexiva. Se não fosse assim, diante da incapacidade de poder doar seu corpo, seria algo impossível a ele.

Como todo ser filosoficamente racional, realiza seus objetivos nos porquês, nas interrogações que conduzem sua existência e não nos idealismos subjetivos que governam a mente dos que são movidos por seus impulsos. A única coisa que o move Ramón Sampedro é sua capacidade de ponderação. Isto fica evidente no trecho de uma de suas epistolas a Vilma, que tinha declarado seu amor a ele:

Con respecto al hecho de dejarte llevar por un sentimiento de amor hacia mí, creo que nunca has hecho un análisis realmente serio de algo tan complejo. Ya sé, el amor no se puede razonar, o se ama o no se ama, como tú dices tan a menudo. Lo que pasa es que yo tengo la manía de buscarle a todo un por qué. Pienso que hay en toda mujer un instinto maternal superior a su raciocinio. Y por mucho que tú me asegures que me amar como a un hombre, yo nunca estaré seguro de cuánto de idealización de un hombre con una sensibilidad que siempre has deseado encontrar y no has podido, o no ha durado. Sí, claro, se puede decir: ¿Y qué más da si eso es lo que yo quiero?

[...] Dices que cuando se ama se da todo y se pide todo, y cuando esa entrega no es posible es mejor dejarlo.

También dices – creo – que el verdadero amor es aquel que lo da todo a cambio de nada. Pues démonos toda nuestra amistad sin pedirnos nada más a cambio. De este modo no nos haremos ningún reproche, porque el amor del amigo es el menos egoísta de todos.

Tú sabes, querida Vilma, que tienes en mi corazón un lugar muy especial, ése que nos hace esbozar una sonrisa cada vez que recuerdo tu nombre.

¡Gracias por tu fidelidad, AMIGA! (SAMPEDRO, 1996, p. 21).

A razão é o movimento frequente nos traços escritos pelo autor, que evidencia o ato de refletir a respeito do próprio caminhar, racionalizando o viver através de um objetivo e não o idealizando, criando fantasias existenciais para esperar o viver futuro ou o presente. Os homens não devem, para ele, apenas viver ao vento da paixão e sua vontade arbitrária, mas focalizar em seu pensar e fazer seu próprio destino. Percebemos isto através de um trecho da mesma carta citada anteriormente:

Somos los seres humanos los que debemos marcar nuestro propio destino de acuerdo con la razón y no con la creencia y superstición [...].

Yo tomé un camino, y en una dirección concreta es sólo esa meta la que deseo alcanzar y no otra. Si cambiase de idea demostraría que no había tenido en cuenta que lo que deseaba era encontrar el amor de una mujer en lugar de defender un principio que considero verdad universal (SAMPEDRO, 1996, p. 20).

O amor assume o caráter subjetivo de proposição individual e a razão busca o caráter de proposição universal. O amor que, ao mesmo tempo, busca ser um só, acontece no dualismo da ambiguidade. Gera ilusões existenciais para esquecer de si ao mesmo tempo em que projeta o seu “eu” em outro ser. Se pensarmos racionalmente, o amor é a forma do ser de esquecer a razão, a faculdade do homem de estabelecer relações lógicas e adquirir o real conhecimento de si e do mundo. Nietzsche diz:

Esquecemos voluntariamente muitas recordações de nosso passado, as eliminamos da cabeça intencionalmente: temos, portanto, o desejo de ver a imagem que reflete o nosso passado nos mentir a nós mesmos e nos agradar – trabalhamos sem cessar no engano de nós mesmos –. E vocês pensam, vocês que falam tanto do “esquecimento de si no amor”, do “abandono do eu em outra pessoa”, vocês que se vangloriam de tudo isso pensam que é algo de essencialmente diferente? Destruímos, portanto, o espelho em que nos transformamos pela imaginação em outra pessoa que admiramos e desfrutamos doravante da nova imagem do nosso eu, embora a designemos com o nome da outra pessoa e todo esse processo não seria engano de si, do egoísmo – vocês me surpreendem! –. Parece-me que aqueles que escondem alguma coisa a si mesmos e aqueles que por inteiro se escondem a si próprios, parecem que nisto cometem um roubo ao tesouro do conhecimento. Disso se deve deduzir de que equivoco o axioma “conhece-te a ti mesmo” nos previne (NIETZSCHE, 2007, p. 35).

O ser humano busca esquecer de si através do amor, criando uma falsa ideia de que no amor devemos nos dedicar ao outro e assim acabar por anular a nós mesmos ou ao outro, gerando com isso a ideia da união dos seres, tornando-se um só. E ao nos tornar um só anulamos o pensamento do outro, impondo um só pensar, anulando conhecimentos e razões de pensamentos.

2.2 RAZÃO E RELIGIÃO

A religião é entendida como o conjunto de doutrinas a respeito da essência de uma força sobre-humana, criadora e mantenedora do universo e da relação que o homem mantém com essa força espiritual. Porém, não podemos esquecer que os relatos que a humanidade possui das religiões foram produzidos por humanos, e não por divindades.

A fé religiosa que move os homens é abstrata, subjetiva, porém as comunidades religiosas que normatizam suas doutrinas são concretas, reais e passíveis de utilizar a religiosidade de acordo com a razão de suas conveniências.

Sem esquecer que podemos não ser sujeitos religiosos, mas, se vivemos em uma sociedade que possui ou possuiu durante muito tempo um comportamento predominantemente religioso, acabamos por incorporar aspectos religiosos aos aspectos culturais. Portanto, podemos não ser religiosos, mas fazer parte de uma sociedade cultural religiosa. Hartman analisa que:

Também não é paradoxal dizer que um Estado – uma civilização, uma cultura com todas as suas instituições de lei e religião, arte e filosofia – é “a Ideia divina como ela existe na Terra”, a Ideia divina em realização relativamente mais elevada. Numa cultura dessas o indivíduo não se torna consciente de si mesmo como indivíduo cultural e só assim tem a possibilidade de desenvolver suas capacidades, sua liberdade plena? (HARTMAN in HEGEL, 2001, p. 28).

Na escrita da obra de Ramón Sampedro, a razão está acima de todas as crenças e não podemos nos deixar cegar pelas pessoas que se utilizam das religiões para escravizar outras pessoas dentro das regras determinadas, tornando os sujeitos irracionais e incapazes de criticar as coisas, apenas cumprir as regras das sociedades humanas que foram estabelecidas por essas mesmas sociedades. Isto fica evidente quando ele discute, em carta a Belén, sobre a eutanásia:

Lo que opinan las autoridades religiosas a propósito de mi derecho personal lo considero un delito. Cuando te decía que dudar es de sabios, quería decir que siempre nos debemos guiar por el criterio personal. Si nos fiamos de lo que nos dicen los demás acabamos siendo sus esclavos. Si tú me dices que no pueden aplicar la eutanasia, yo te puedo responder que deberías poner en duda tus afirmaciones. Ahora tendría que entrar en un análisis crítico de toda la religión y sus nefastas consecuencias en la civilización de la humanidad. Seguro que ya se habrá despertado tu espíritu de réplica. Te diré que pienso que una razón pura y científica es el espíritu puro. Sería lo que tú pudieras llamar la conciencia de dios. [...] Quien nos salva y nos libera de todo temor, de toda condenación y de toda esclavitud, es nuestra conciencia (SAMPEDRO, 1996, p. 27).

Como percebemos na citação acima, Ramón Sampedro acreditava no poder racional do ser. Para ele, sua religião era o racional e deveria ser tratada com o mesmo respeito que aqueles que acreditavam serem gerados de uma força sobrenatural, de um Deus. Isto também pode ser percebido em outra carta, desta vez destinada a Laura:

Quando comencé a leer por mi cuenta, después del accidente, me convertí a la religión de los modernos profetas, los profetas de la razón científica. Y los maestros del racionalismo me sedujeron, me convencieron de que pensar es una forma de orar – de humanizarme – más efectiva. Lo asombroso para la razón humana es la belleza de la vida en sí misma. Eso es lo que nos impulsa a amarla. No por el poder que tenga el

personaje, la fuerza o el principio creador. Con lo poco que conocemos del origen de la materia y de los secretos que quedan aún por desvelar sobre los procesos físico-químicos, como determinantes para la formación de seres vivos, a mi razón le parece más lógica, más creíble, la idea de que la materia lleve en sí misma la capacidad de poder evolucionar con inteligencia, por medio de estímulos físico químicos, hasta llegar a hacerse racional (SAMPEYRO, 1996, p. 53).

O sagrado, portanto, seria a vida do ser e não os deuses que o ser cultua. O que se ataca seria a filosofia da religião e não a religião em si, que não daria ao homem o livre arbítrio de adquirir sua total consciência racional. Sobre isso, Sampedro afirma o seguinte:

Cuando se mata a un Jesús de Nazaret cualquiera siempre se mata al hijo de dios, porque se mata la idea, la libertad de pensamiento. Siempre que se mata al hijo de un dios, se mata al mismo dios, cuando se mata la conciencia ética de un ser humano que se rebela contra la injusticia y el sufrimiento que provoca cualquier tiranía. ¡Dios es mi conciencia! ¡Dios es la conciencia de cada ser humano justo, noble y bueno! (SAMPEYRO, 1996, p. 56).

Reforçando a tese de que o que a escrita de Ramón Sampedro ataca seria a filosofia da religião e não a religião em si, e que o que torna o ser evoluído seria a capacidade de raciocinar e não de crer que existe apenas porque foi gerado a partir de uma força espiritual, porque o espírito é a própria consciência racional, Hegel relata:

Eu gostaria de discutir a ligação da nossa tese — de que a Razão governa e governou o mundo — com a questão do possível conhecimento de Deus, principalmente para que se possa mencionar a acusação que a filosofia evita ou deve evitar, a discussão de verdades religiosas, porque ela tem, por assim dizer, uma consciência má a respeito destas verdades. Ao contrário, o fato é que nesses últimos tempos a filosofia teve de assumir a defesa de verdades religiosas contra muitos sistemas teológicos. Na religião cristã Deus Se revelou, o que significa que Ele deu ao homem a capacidade de compreender o que Ele é, não sendo mais oculto e secreto (HEGEL, 2001, p. 58).

Com isso, percebemos que devemos questionar a filosofia das coisas. Sampedro diz que devemos racionalizar a respeito dos porquês, para que possamos compreender o que e quem somos. O homem possui, portanto, a capacidade de se desvendar e desvendar o mundo que o cerca.

2.3 RAZÃO, LIBERDADE E MORTE

Razão, como já discurremos anteriormente, tem a ver com a capacidade do espírito do homem de julgar, estabelecer relações lógicas de raciocínio. A Liberdade, em geral, é compreendida como a capacidade que cada ser possui de decidir ou agir conforme sua própria decisão contra as convenções sociais, o que comumente chamamos livre-arbítrio. Quanto à Morte, nós a conhecemos como o fim da vida, o ato em que o ser deixa de existir carnalmente.

Mas o que estes três conceitos tão distintos têm a ver com a escrita deste trabalho, de que forma eles se interligam? Para Ramón Sampedro, como ser racional que ele afirma ser, compreende-se que, para sua existência, a morte corresponderia à liberdade, uma vez que expõe o aforismo que seu corpo já está morto. Isto se evidencia neste comentário de Sampedro:

El día 23 de agosto de 1968 me fracturé el cuello al zambullirme en una playa y tocar con la cabeza en la arena del fondo. Desde ese día soy una cabeza viva y un cuerpo muerto. Se podría decir que soy el espíritu parlante de un muerto (SAMPEYRO, 1996, p. 5).

A morte, para Sampedro, seria uma forma de libertação. A morte negada é, por isso, sua forma de prisão, e não tão somente seu corpo tetraplégico. A liberdade absoluta só ocorreria com a morte. A morte, nesta situação, seria a forma mais racional de liberdade. Morte para ele viria através da eutanásia, que se trata da conduta de intencionalmente dar fim à vida de um ser humano que sofre de uma enfermidade grave e incurável. Ao que se tem conhecimento, o termo eutanásia foi criado no século XVII, pelo filósofo inglês Francis Bacon. Esta palavra deriva do grego *eu* (boa), *thanatos* (morte). Entende-se sua tradução como “boa morte”, ou seja, uma forma humana de ajudar o ser que possui uma doença incurável e não deseja mais viver no sofrimento desumano. Claro, sabe-se que esta palavra é uma criação artificial, não existia no grego antigo palavra que tivesse esta significação, pois os indícios levantados é que na Grécia Antiga o termo à boa morte tinha sentido de falecimento do ser que possuiu conduta correta enquanto vivo. A sua interlocutora Belen, Sampedro explica a respeito da eutanásia:

La eutanasia es una forma racional y humana de ayudar. Sólo a personas sin criterio propio y aterrorizadas con el mito del padre se les puede hacer creíble tamaña barbaridad: sacralizar el sufrimiento me parece la forma más cruel de esclavitud. Mi cuerpo sobrevive gracias a los fármacos modernos, y

a una sonda para poder orinar, además del esfuerzo y sacrificio de una o dos personas que se ocupan de mantenerme con vida, limpio y alimentado. Creo que hay un miedo natural en todo ser vivo, no tanto por la muerte en sí, como por el dolor. Sin embargo, no debe utilizarse ese temor natural para que las personas se sometan a la voluntad de ninguna autoridad moral. Cuando dejamos de ser niños, todos somos autoridades morales en lo que respecta a la vida, la muerte y el amor. Me gusta hablar con las personas querida Belén, pero el tema que yo planteo es la eutanasia como un derecho humano. Supongo que sabes que eutanasia significa buena muerte (SAMPEDRO, 1996, p. 27).

Ramón Sampedro acredita que a vida que possui está apenas em sua cabeça, uma vida racional, uma vez que ela não contempla o deslocamento do corpo, apenas o movimento do pensamento. Portanto, no seu entendimento, trata-se de uma vida sem sentido completo, e o único resquício de liberdade está apenas em sua cabeça, pois seu corpo já estaria morto. E, quando negam a ele a morte total, lhe negam o respeito da liberdade absoluta. Para Hegel, a razão é a absoluta liberdade do pensamento. E sobre isso, escrevendo a Laura, Sampedro comenta o seguinte:

¿Entiendes por qué se me niega ese acto de libertad, de respeto y amor por mí mismo, que no es, al fin y al cabo, más que un gesto de amor y respeto a la misma vida? La respuesta es obvia: por mantener el principio de autoridad, no por amor y respeto a la vida, a la especie o al individuo. De este modo nunca me han respetado. Mi raciocinio y mi conciencia pasarán de la vida a la muerte siendo esclavos de otras conciencias (SAMPEDRO, 1996, p. 47).

Portanto, sustenta Sampedro, o juiz de nossa própria existência deve ser nós mesmos. Para ele, a liberdade seria a morte, e, deste modo, deveria ser respeitado o direito do ser de se utilizar do livre arbítrio para decidir seu destino. Na sua concepção, a vida deve ser protegida de acordo com a vontade de cada ser, com a consciência que possui de si e do mundo que o cerca, mas, desde que a vida existe, nenhuma outra espécie, a não ser a humana, vive a explicar seu sentido e seu valor, de acordo com a razão que as sociedades criaram para conseguir viver e dominar as sociedades, desrespeitando assim os limites que os indivíduos devem adquirir a partir da posição que lhes dá o esclarecimento individual. Hegel pondera que:

O esclarecimento da existência através do pensamento é, ao mesmo tempo, necessariamente o surgimento de um novo princípio. O pensamento como universal é esclarecedor, mas esta solução na verdade contém o princípio anterior dentro de si, embora já não mais em sua forma original, mas transfigurada através da universalidade. Assim, a vida surge da morte, mas é apenas uma vida individual. Se consideramos a espécie como sendo

a matéria nessa transformação, a morte do indivíduo é um retomo da espécie à sua individualidade (HEGEL, 2001, p. 128).

A obra *Cartas desde el infierno*, portanto, trava uma luta escrita de Ramón Sampedro da razão contra a razão e a favor da razão, ou seja, da razão que o ser coletivo social possui e da razão do ser individual, da razão que a sociedade ocidental possui e da razão de pensamento do escritor.

3 QUESTÕES DA MORAL

Quem coloca sua moralidade muito alto e a leva muito a sério detesta aquele que é cético em questão de moral, pois, onde se põe toda própria força em jogo, deve-se extasiar-se e não examinar e duvidar. - Há naturezas também para as quais tudo o que resta de moralidade é precisamente a fé na moral: elas se comportam da mesma maneira com relação aos céticos, se possível com maior paixão ainda.

Friedrich Nietzsche, Miscelânea de Opiniões e Sentenças

Em regra, dentro das sociedades, entendemos que moral é o conjunto de normas de comportamentos ou hábitos que são considerados valorosos de modo integral por um grupo ou por uma pessoa, portanto moral é um conceito altamente subjetivo, e corresponde a cada ser praticante de seus valores objetivar o conceito moral.

Moral tem menção ao ético, ao político, ao intelectual (não referente ao intelecto, mas ao sentimento do entendimento). Hegel distingue a existência de duas configurações de moralidade, uma consiste em desempenho do dever moral pelo ato da vontade, e a outra corresponde obediência à norma moral enquanto fixada pelos códigos, leis e costumes da sociedade.

Supõe-se que todos os homens têm consciência a respeito da moral. E esta consciência moral tem a possibilidade de ser inata, ou seja, não nasce com o homem, mas sim o é imposta, podendo estar sempre efetivamente com o homem, possuindo está consciência sempre que se levante uma sensibilidade moral. Ela pode ser idealizada ao ser adquirida por meio da educação das potências morais íntimas no homem. Pode também ser atribuída a uma entidade divina ou a uma fonte humana. Por sua vez, essa fonte é passível de ser concebida como natural, histórica ou social, individual ou coletiva.

A moral, deve-se dizer então, é o sentido que o homem contraiu em benefício de suas conveniências sociais ou de certos processos naturais e que pode apagar-se ou modificar-se logo que essas conveniências deixem de valer. Não esquecendo também que os conceitos morais são estipulados pelas sociedades, para serem cumpridos pelas sociedades. Nietzsche comenta que tais regras, em geral, são

estipuladas pelas classes dominantes para serem executadas pelos membros das sociedades. Quem as idealiza e as cumpre são os próprios homens.

Em *Cartas desde el infierno*, percebemos a moral como tema filosófico muito recorrente, com uma escrita que discorre a respeito da moral dos homens em benefício do que eles acreditam certo para si.

Como no capítulo anterior, nos textos de Ramón Sampedro também constatamos questões como amor, religião, liberdade e morte, permeadas pela noção da moral, porém colocada em debate pelos conceitos da coletividade e da individualidade.

3.1 MORAL E AMOR

Moral tem a ver com a faculdade do homem de se deixar guiar dentro das normas das sociedades. Já para o amor, as regras são diferentes, não existem códigos estipulados a seguir. Como diria o poeta, o amor acontece não se sabe por que e leva não se sabe para onde.

O ato de amar muitas vezes pode ser imoral, segundo as regras estabelecidas pelas sociedades, mas os que têm capacidade de amar e se permitem usufruir desta capacidade acreditam que o amor é amoral, isto é, não está nem contra nem a favor da moral dos homens. Está acima da moral ou nem toma senso dela.

O amor é arbitrário a regras e é movido por suas paixões, e pode se caracterizar pela devoção a um outro ser ou ao objeto ou objetivo que é guia do seu desejo. O amor torna-se então sua consciência e não a moral. Hegel comenta que:

Pode-se, na verdade, aplicar a palavra “paixão” ao fenômeno dos grandes homens e julgá-los moralmente dizendo que a paixão foi seu impulso. Eles eram realmente homens de paixão: tinham a paixão de sua convicção e colocaram nela todo seu caráter, todo seu talento e toda sua energia. Aqui o necessário em si e para si surge na forma de paixão. Esses grandes homens parecem apenas seguir sua paixão e sua vontade arbitrária. Mas eles buscam a proposição universal, só este é seu *patos*. Precisamente a paixão foi a energia de seus egos, sem ela não teriam sido capazes de realizar nada. [...] Alexandre da Macedônia em parte conquistou a Grécia e depois a Ásia; diz-se, portanto, que ele ansiava pela conquista e, como prova, mostra-se que ele fez coisas que resultaram em fama. Que mestre-escola deixou de demonstrar que Alexandre, o Grande, e Júlio César não fossem movidos por essas paixões e, conseqüentemente, não fossem imorais?

Daí se conclui imediatamente que ele, o mestre-escola, é um homem melhor que eles, porque não tem essas paixões, tanto é assim que ele não

conquistou a Ásia, nem venceu Dano e Porus, mas goza da vida e permite que outros também gozem dela. Esses psicólogos orgulham-se especialmente de contemplar essas excentricidades que pertencem à individualidade das grandes personalidades históricas. [...]

Personalidades históricas se deram mal na literatura histórica quando atendidas por esse tipo de camareiros cheios de psicologia. Estes os reduzem ao seu nível ou antes, a alguns graus abaixo da sua moral, capazes, como se julgam, de compreender profundamente as almas (HEGEL, 2001, p. 80-81).

Ramón Sampedro, ao publicar seu livro, permitiu a diversas pessoas tomarem conhecimento de suas opiniões muito claras sobre diversos assuntos, entre eles o amor e as diferentes formas que as pessoas o sentem. Ciente ele que sua forma de amar era apenas sentimental, apenas poderia sentir o amor através de sua subjetividade e não poderia mais sentir o amor concreto através do desejo carnal, apenas poderia apropriar-se da liberdade que o amor dá aos homens, sem cobrar moralidades. Sampedro, dirigindo-se a Laura, comenta o seguinte:

Es porque si algo he aprendido en estos veinticinco años es que sólo tengo un amor para dar, que es la ternura, aunque muchas personas confundan la amabilidad, la sonrisa amable y la paciencia estoica con la estupidez.

De la vida pienso que comienza por el amor; y todo lo que se entiende por amor es en la ley universal de la vida un placer: una llamada tuya por teléfono es una forma de amarme porque me agrada escuchar tu voz. Y si tú me dices que te agrada recibir alguna de mis cartas, ésa es una forma de amarte, pues a mí me satisface también saber que mis tonterías pueden hacerte alguna ilusión. La ilusión de un ensueño que dure un momento, no porque yo diga nada interesante, sino por el simple hecho de saber que hay alguien que idealiza nuestra imagen en sus pensamientos (SAMPEDRO, 1996, p. 51).

Por vezes, confundimos amor com um sentimento de redenção, se praticarmos o amor abnegado, estaremos moralmente nos redimindo de qualquer erro que cometamos perante a sociedade. Por outras, sentimos o amor por vaidade, não tendo nenhum verdadeiro valor espiritual, mas sim outros interesses. Por exemplo, o amor das honras praticadas por dever social. Ou, simplesmente pelo sentimento doutrinador que a moral possui, acreditamos que amar é ter por posse o outro, uma vez que a moral foi criada pelos homens para dominar a eles próprios dentro das regras que estipulam. A esse respeito, Sampedro comenta a Vilma em uma de suas epístolas:

Sí Vilma, todos los días tengo un pensamiento de gratitud para ti, pero nunca diré que me alegro de estar vivo. Estar vivo para mí significa ser tetrapléjico. Pero tú dices: “vive porque tu amor me hace sobrevivir”. Hay en tu deseo algo incoherente. Nuestra relación afectiva – en el caso de que se diese una relación así – tendría un sentimiento meramente espiritual o

sentimental, es decir, tú necesitas sentirte útil y necesitada para sentirte viva. Yo podría representar el ideal de figura masculina que has idealizado, una sensibilidad que encaje como la otra mitad de la tuya femenina, una incógnita que complementa tu incógnita espiritual. Dime, Vilma, ¿Para qué me necesitas físicamente? Al fin y al cabo, ¿qué más da que me tengas a tu lado o que me lleves en tu corazón como un recuerdo inmortal? (SAMPEDRO, 1996, p. 21).

O valor moral, para a maioria das sociedades, parte das ações praticadas por puro dever em busca de uma atenção virtuosa. Na busca pelo fundamento decisivo da moralidade, os princípios do amor são suficientes para fornecer meras regras gerais de capacidade inteligível, porém também sensível, que se alimenta da afeição, do apego, do interesse, do domínio e principalmente do desejo. Na obra *Miscelânea de Opiniões e Sentenças*, Nietzsche comenta:

De onde podem realmente surgir as paixões repentinas [...], as paixões profundas e íntimas? Elas são causadas somente pela sensualidade; mas quando o homem encontra, num ser, ao mesmo tempo fraqueza, desapego e petulância, algo se passa nele, como se sua alma quisesse transbordar: sente-se ao mesmo tempo comovido e ofendido. É desse ponto sensível que brota a fonte do grande amor (NIETZSCHE, 2007, p. 117).

Os homens tentam encontrar elementos para objetivar tal sentimento, mas, sendo o amor fundamento determinante das faculdades subjetivas, sobre as quais se desenvolve o sentimento do prazer, da súplica e do domínio, o homem procura fazer com que cada um desenvolva suas próprias regras de habilidade na busca do amor, diferentemente do conceito de moral, que, apesar de subjetivo, assume o caráter objetivo quando gera leis universais de conduta dita correta para todo indivíduo racional.

3.2 MORAL E RELIGIÃO

A moral conduz, portanto, infalivelmente à religião, ampliando-se desse modo até a ideia de um legislador moral todo-poderoso, exterior ao homem, na vontade do qual reside um fim último (da criação do mundo), o que pode e deve ser igualmente o fim último do homem.

Immanuel Kant, A Religião nos Limites da simples Razão

Moral e religião são conceitos que, ao longo da história da humanidade, se entrelaçam. Moral é entendida como o conjunto de normas de comportamento ou hábitos que são considerados valorosos; e religião, em geral, é entendida como o

conjunto de doutrinas a respeito da essência que torna o homem valoroso diante do conceito de moral.

Durante muito tempo, moral e religião se tornaram conceitos medidos um pelo outro, uma vez que a religião ditou os preceitos morais da humanidade. O pensar ficou restrito e altamente sugestionável aos conceitos morais da religião. Os seres que não se encaixavam nos padrões ditos morais religiosos de pensamento passaram a criticar os valores morais, onde o valor dos próprios valores passaria a ser colocado em questionamento. Com isso, passou-se a questionar em que parte da narrativa humana surgiram tais conceitos: quando se desenvolveram para depois, então, poder ser modificados?

Este tipo de questionamento está muito presente na obra de Ramón Sampedro, e acreditamos ser, talvez, o mais ferrenho, uma vez que seu propósito seria a libertação através da morte e um dos impedimentos seria o aspecto legal baseado na moral das sociedades que, por sua vez, é muito influenciado pelos preceitos religiosos, tornando o pensamento humano sujeito da doutrina do próprio ser humano. A moral é então utilizada em propósito dos próprios seres que visam dominar aqueles sujeitados a ela. Em relação a esse tema Ramón Sampedro comenta o seguinte:

Todo sufrimiento irracional es una tiranía, así como toda tiranía causa un sufrimiento irracional e injusto. Jesús no vino a liberar al mundo del sufrimiento sino a decirles a los predicadores que liberen al mundo del sufrimiento que causan. ¡Cómo hace todo bien nacido hoy en día! Jesús es un idealista, pacifista y noble, pero la historia la cuentan los pícaros como a ellos les interesa. Jesús defiende la dignidad y la libertad del ser humano, pero su idealismo fue utilizado por quienes se aprovechan de toda idea, de todo conocimiento que pueda servirles para dominar. De la noble idea de Jesús, inventaron los pícaros secta distinta, una religión más. Jesús enseñó muchas cosas, entre ellas a superar el terror a la muerte y al dolor, a no dejarse dominar por las amenazas del poderoso. Esos dos temores, no racionalizados ni superados culturalmente, son el arma más eficaz que poseen los tiranos de todo tipo para esclavizar al ser humano con la amenaza de la tortura o la muerte si no se somete a su autoridad. Jesús murió por rebelarse contra la crueldad política y religiosa de su tiempo. Los pícaros aprovecharon su ley para eliminarlo y crear con la idea cristiana otra tiranía, otra esclavitud. Asesinan en su nombre a revolucionarios nobles, que se rebelan contra la injusticia y la corrupción de cualquier poder (SAMPEDRO, 1996, p. 56).

Como percebemos, no comentário acima e em um momento anterior já discorrido, Sampedro não ataca a fé, mas sim as normas religiosas, mas em realidade os seres humanos que criam seus símbolos e suas regras de conduta em nome de um ser superior e divino. Isso constrói a filosofia da religião em torno de

seus preceitos morais, sendo assim uma forma de aprisionamento de sua conduta. Ramón Sampedro também comenta que:

Cristo enseñó muchas cosas, entre ellas a superar el e miedo a la muerte y al dolor, y a no dejarse dominar por las amenazas del poderoso, ya que esos dos temores, no racionalizados ni superados culturalmente, son el arma más eficaz y poderosa que poseen los tiranos de todo tipo para esclavizar al ser humano, con la amenaza de la tortura o de la muerte, si no se quiere someter a su autoridad.

El mensaje de Jesús era que los poderosos – religión y Estado – se comportasen como el Dios que predicaban. Igual que hacemos hoy con los hombres y mujeres bien nacidos cuando clamamos al Estado y a la religión de turno. Hoy no se mata físicamente a quien reclama justicia, pero se mata psicológicamente un clamor universal: aquel que pide que no se utilice el sufrimiento irracional en función de intereses de casta de una muy dudosa moralidad (SAMPEDRO, 1996, p. 98).

O ato da moral e da religião, contudo, tem por princípio doutrinar, buscando dominar de tal modo o pensamento que a avaliação do que é valoroso fique presa e sujeita às normas, restrita somente a estes dois conceitos interdependentes, que geram sentimentos de atração ou oposição a essas normas. Quanto a isso, Kant explana que:

Como toda religião consiste em considerar a Deus, com a relação a todos os nossos deveres, como o legislador que é preciso honrar universalmente, importa, quando se define a religião do ponto de vista da conduta que devemos ter a seu respeito, saber como Deus quer ser honrado e obedecido. Ora, uma vontade divina legisladora ordena, tanto por meio de leis simplesmente estatutárias em si, quanto por meio de leis puramente morais (KANT, 2008, p. 120).

O que é possível perceber em muitas ações humanas é uma ética falsa, baseada em conceitos morais criados pelas sociedades humanas para falar de uma moral divina. É como dizer que o homem, apesar de terreno, deve se comportar como um ser divino, baseado não nas leis divinas, mas sim nas leis terrenas. Dessa forma, a moral tem-se tornado uma norma da religião e, com isso, os homens passam a ser escravos destas normas para que, então, consigam conviver dentro das sociedades onde foram gerados. Nietzsche, na obra *Humano, demasiado humano*, escreveu que:

Es indudable que en el período del razonamiento, nadie ha sido justo respecto a la importancia de la religión, pero es también cierto que es la reacción que siguió contra el razonamiento, [...]. Las religiones deben, pues – tal es la afirmación de los adversarios de la explicación –, expresar el *sensus allegoricus*, teniendo en cuenta la inteligencia de las masas, esa sabiduría de toda la antigüedad, que es la sabiduría en sí, en el sentido de que toda verdadera ciencia de la Edad Moderna habría conducido a ella, no

alejado de ella: de manera que entre los más antiguos sabios de la humanidad y todos los que les siguieron, reinaría la armonía y aun la identidad de miras, y el progreso de los conocimientos – suponiendo que de ellos quisiera hablarse – se refería, no al principio, sino a su comunicación. [...]

Esos acontecimientos de la teología, que a la verdad han sido hechos ventajosamente en el cristianismo religión de una edad erudita, penetrada en la filosofía, han conducido a su superstición del *sensus allegoricus*; Como los filósofos filosofaban más de una vez bajo la influencia tradicional de los hábitos religiosos, o por lo menos bajo el imperio de la famosa «necesidad metafísica», llegaban a opiniones teóricas que tenían en efecto con las opiniones religiosas, judías o cristianas o indias gran semejanza – como pasa con los niños y sus madres –, salvo que en este caso, los padres no se explican claramente cómo pueda suceder aquello; pero en la inocencia de su admiración, inventaban fábulas sobre el parecido familiar de la religión y la ciencia (NIETZSCHE, 1986, p.108-110).

Ou seja, tudo foi conduzido pela moral religiosa durante muitos séculos na história da humanidade e ainda é, uma vez que, como já dito, apesar de não necessariamente pertencermos a nenhuma entidade religiosa, em geral, temos por identidade cultural resquícios de alguma religião em nossos hábitos culturais, resquícios estes que muitas vezes não sabemos ser religiosos, mas estão aí embutidos em nós e em nossos dias.

3.3 MORAL, LIBERDADE E MORTE

O que podemos dizer a respeito de moral, liberdade e morte se, em geral, não pensamos nesses temas em um mesmo ato comunicativo?

São conceitos distintos, já que moral é algo estabelecido pela sociedade; a liberdade, é a capacidade do ser de agir conforme sua própria decisão; e a morte é algo que, em geral, não temos como determinar.

Mas estes são temas que se imbricam na escrita de Ramón Sampedro, pelo motivo que a própria morte seria a liberdade tão almejada pelo autor, contudo negada a ele por normas morais e por leis que, em muito, são influenciadas por preceitos religiosos. Isto fica evidente nas suas colocações, como no texto em que procura conceituar essa questão:

EL CONCEPTO DE IGUALDAD O AUTORIDAD MORAL

¿Tiene la persona derecho a renunciar a su vida?
Desde el instante en que adquiere una conciencia ética, categóricamente, sí.

PRIMERO, porque está capacitada para hacer un juicio de valor sobre el sentido de la vida como un todo genérico y de sus entrelazados derechos personales y colectivos.

Y SEGUNDO, porque está capacitada para comprender el valor de su vida individual y las consecuencias de renunciar a ella conscientemente.

Así, la muerte como un acto de libertad es una reflexión exclusivamente personal. El grado de comprensión, aceptación y tolerancia social, aunque deben ser determinantes a la hora de ejercer un derecho que es exclusivamente personal.

En casos de enfermedades irreversibles y de taras físicas que incapacitan a la persona para sobrevivir por sí misma – tetraplejia, por ejemplo –, casi todo el mundo afirma comprender las razones. Es decir, el deseo común, o sentido común, considera dichas circunstancias no deseables. La tolerancia, al menos, ante la opción de renunciar a ellas mostraría la superioridad de los dominantes (SAMPEDRO, 1996, p. 104).

Se analisarmos ao longo da existência humana, no que diz respeito a moral e liberdade, percebemos aí uma grande contradição, principalmente quando entra também, mesmo que por interligação, o conceito religioso da moral. Entende-se que liberdade é a capacidade do ser de ter o livre-arbítrio, de tomar decisões seguindo a própria percepção, sem levar em consideração conceitos de razão e moral pré-estabelecidos, porém, constatamos que a religiosidade impõe normas morais, não permitindo em plenitude o ser ter livre-arbítrio. Se é um direito, dizem os escritos religiosos, que pertence a todo cidadão, porque o privam de ter esse livre-arbítrio?

Com base nisso, pensamos, que se a morte é de fato ascender à vida eterna, por que negar a Ramón Sampedro o direito à morte se, em verdade, já sente seu corpo morto? Com isso, é negado o direito à liberdade e ao livre-arbítrio que todo ser possui, segundo as próprias normas de moral e conduta religiosa. Contra essa negação, Sampedro argumenta:

Toda persona tiene el derecho de rechazar cualquier análisis que le sea impuesto por otra conciencia, tanto personal como colectiva – teocrática o democrática –. La persona sólo puede ser regida por su conciencia. Regirse por la conciencia significa algo más que la libertad de pensar. Regirse por la conciencia lleva implícito el derecho a que la voluntad sea escrupulosamente respetada. Sólo tendrá el justo límite que le impone el derecho de otra conciencia a disfrutar de la misma libertad. No puede haber ningún impedimento para la libertad de obrar en conciencia, dentro de los límites éticos de la igualdad.

En una verdadera cultura de la vida, el derecho de la muerte como un acto de libertad de conciencia es la conducta moral positiva.

Se dice que vivir en sociedad conlleva deberes y derechos. Sí, pero cuando una parte es la que impone las normas, a la otra sólo le queda el deber de la obediencia y el derecho al pataleo estéril como única forma de discrepancia. Eso no es respeto sino paternalismo.

Cuando a alguien se le niega un derecho cuyo ejercicio efectivo resulta esencial para que se cumpla su voluntad, y con ello el respeto por sí mismo como ser humano libre, a esa persona sólo le queda el deber de la

humillante resignación. Esa esclavitud de la conciencia es la verdadera cultura de la muerte.
Sin el derecho a ser dueño y señor de toda su persona, el ser humano no disfruta de plenos derechos.
No puede haber dignidad posible ni libre albedrío sin libertad plena.
Si no tiene el derecho a renunciar a su vida, nadie es dueño de ella (SAMPEDRO, 1996, p.105).

O que percebemos é que o homem nega a liberdade do próprio homem, guiando-se pelos padrões estabelecidos pelos homens, valendo-se muitas vezes de uma figura mística. A moral seria então criação da raça humana para estabelecer padrões que igualassem todos os seres, negando o direito do pensamento diferente, restringindo o homem aos próprios moldes do homem. Em *A genealogia da moral*, Nietzsche diz:

[...] necesitamos de una crítica dos valores morais e, antes de tudo, tornar – se necessário discutir o valor desses valores – e para tanto é necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram, em favor das quais se desenvolveram e nas quais se deformaram [...] (NIETZSCHE, 2013, p.26).

Com tudo o que foi apontado, percebemos a necessidade de, antes de preconizar uma moral definitiva, discutir seu processo histórico e tentar entender outros moldes de conduta para a raça humana, para que o ser humano seja respeitado em sua plenitude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões aqui apresentadas pretenderam esboçar análises a respeito da obra *Cartas desde el infierno*, de Ramón Sampedro, sob os enfoques da razão e da moral, discutidos pela filosofia, abordando o amor, a religiosidade, a liberdade e a morte, temas redefinidos pelo autor galegoespanhol a partir de sua condição de tetraplégico.

Para Sampedro, viver seria um direito e não uma obrigação, por este motivo abordou em seus textos sua luta pela liberdade por obter sua própria morte, pois entendia que a consciência racional deveria estar acima da lei. No entanto, a eutanásia lhe foi negada por questões morais da sociedade, questões estas que exercem influência sobre todos os aspectos da vida. Porém, conforme argumento de Sampedro, a moral não tem a ver com leis, mas sim na fundamentação de valores tradicionais da opinião pública.

Em entrevistas a jornalistas, em correspondência e na publicação de seu livro, Ramón Sampedro, mostrou sua concepção a respeito da morte e também da vida, procurando sensibilizar aqueles que não compreendiam a condição de sua percepção de morto falante, ou seja, um ser com uma cabeça viva presa em um corpo morto.

Nos pensamentos de Ramón Sampedro, de uma forma argumentativa através do diálogo com a filosofia, transparecem uma consciência racionalizada diante do mundo, tentando, com isso, o reconhecimento de uma moral em que o homem pudesse ser respeitado em sua plenitude.

Conforme apontado no desenvolvimento deste trabalho, a consciência moral não nasce com o homem, ela lhe é imposta por meio de sua vivência em sociedade. Assim como a razão, que nasce no momento em que o homem adquire consciência de si e da realidade que o cerca. Portanto, faz-se necessário conhecer as condições e os ambientes em que nasceram estes conceitos para cada ser, sua historicidade, seu viver social e individual. Isso para que os seres morais e racionais se desenvolvessem em plenitude e não na deformidade de pensamento de criação da raça humana, que estabeleçam padrões que igualam todos os seres, negando o direito do pensamento diferente e restringindo o homem aos próprios moldes do homem. No desenvolvimento pleno do ser, poderia haver respeito a diferentes formas de agir e de pensar, tanto social como individualmente.

A escrita de Ramón Sampedro sugere que o pensamento tem que ser guiado pela razão e não pelos preceitos morais de uma sociedade. O fato das autoridades jurídicas, religiosas e políticas não terem respeitado o pedido de se eutanasiar demonstra o desprezo pelo valor da sua razão, argumentada no desejo de sua liberdade, que, para ele, era a morte.

Consciente de que sua tetraplegia o impedia de ter uma vida digna, no dia 12 janeiro de 1998, em segredo e com o auxílio de pessoas amigas, cometeu um suicídio assistido, bebendo cianureto de potássio misturado a água, Ramón Sampedro, impossibilitado de mover o corpo, sorveu este líquido através de um canudo colocado dentro do copo deixado a seu alcance. Segundo seu entendimento, essa foi a forma mais digna, humana e racional de pôr fim à vida para alcançar sua liberdade. Suas palavras aclaram o seu ato:

El derecho de nacer parte de una verdad: el deseo del placer. El derecho de morir parte de otra verdad: el deseo de no sufrir. La razón ética pone el bien o el mal en cada uno de los actos. Un hijo concebido contra la voluntad de la mujer es un crimen. Una muerte contra la voluntad de una persona también. Pero un hijo deseado y concebido por amor es, obviamente, un bien. Una muerte deseada para liberarse de un dolor irremediable, también (SAMPEDRO, 1996, p. 100)

REFERÊNCIAS:

HARTMAN, Robert S. introdução de Robert S. Hartman. In: HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história.** Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001. p. 9-40.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história: uma introdução geral à filosofia da história.** Trad. Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

KANT, Immanuel. **A Religião nos Limites da Simples Razão.** Tradução de Ciro Mioranza. 2.ed. São Paulo: Escala, 2008.

MIORANZA, Ciro. Apresentação . In: NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013. p. 7-8.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral.** Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2013.

_____. **Humano, demasiado humano.** Traducción de Jaine Gonzales. 5ª ed. México: Mexicanos Unidos, 1986

_____. **Miscelânea de Opiniões e Sentenças.** Tradução de Antonio Carlos Braga; Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2007.

SAMPEDRO, Ramón. A mi lado, tengo un vaso con cianuro. In: **El País**, Madri, 4 fev. 1998. Disponível em:
<http://elpais.com/diario/1998/02/04/sociedad/886546827_850215.html> Acessado em: 20 dez 2016.

SAMPEDRO, Ramón. **Cartas desde El infierno.** Disponível em
<<http://fuentesdeinformacioniapb.files.wordpress.com/2013/06/7807992-sampedro-ramon-cartas-desde-el-infierno.pdf>>. Acessado em: 4 ago. 2014.

OBRAS CONSULTADAS:

ANGELI, José Mario. Hegel e a historicidade da razão: para compreender o desafio da liberdade. **Revista Filosófica**, Valparaíso, v. 30, p.7-18, 2006.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L& PM, 2009.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Princípios da Filosofia do Direito**. Tradução Orlando Vitorino. 2.ed. Lisboa: Martins Fontes, 1976.

KANT, Imanuel. **Crítica da razão pura**. Disponível em: <<http://www.psb40.org.br/bib/b25.pdf>> Acessado em: 4 dez. 2016.

LINGUISTICA Y POETICA Disponível em: <<https://www.textosenlinea.com.ar/textos/Linguistica%20y%20poetica.pdf>> Acessado em: 30 jan. 2017

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20.ed. 5ª impressão. São Paulo: Ática, 2000.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de filosofia**. Lisboa: Dom Quixote, 1978. Disponível em: <<http://www.portalconservador.com/livros/Jose-Ferrater-Mora-Dicionario-de-Filosofia.pdf>> Acessado em: 4 dez. 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. Tradução de Antonio Carlos Braga. 2.ed. São Paulo: Escala, 2009.

_____. **Assim falava Zaratustra**. Tradução de Antonio Carlos Braga. 3.ed. São Paulo: Escala, 2008.

PIRES, Carlos Eduardo Moreno; CABRAL, Hildeliza L. T. B; SOUSA, Luciano D. Reflexões sobre o ato de dispor da própria vida: o “caso ramón sampedro” à luz da moral kantiana. In: **CONINTER 3** Congresso Internacional Interdisciplinar, Salvador, V.4, n.3, p.441- 458, out. 2014.

SOUSA, Péricles Pereira de. A interpretação deleuzeana da genealogia da moral. Griot – **Revista de Filosofia**, vol.10, n.2, dez,2014.